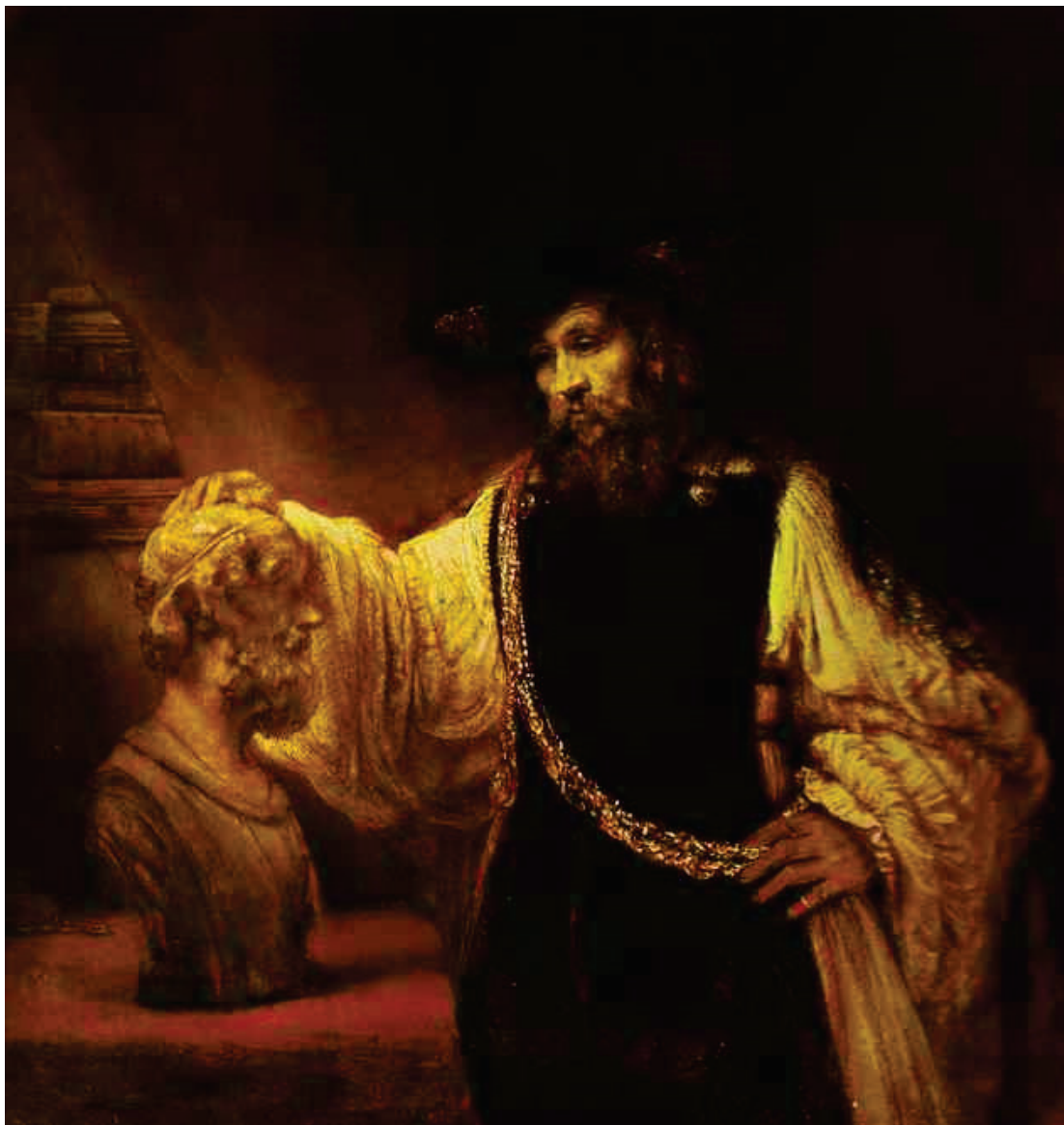


Aristóteles perante o busto de Homero...



Rembrandt Harmenszoon van Rijn, *Aristotle Before the Bust of Homer*

[Oil on canvas (1653)]: New York, The Metropolitan Museum of Art

Se existem pinturas de Rembrandt que pictoricamente melhor materializam o ofício filosófico transfigurado em obra viva, o *Retrato de Aristóteles perante o busto de Homero* é, sem sombra dúvida, uma delas. Desafiando com mestria as leis impostas à arte pela *cor local* e pelo *ar do tempo*, o pintor do século de ouro holandês apresenta-nos um Aristóteles

trajado de acordo com as convenções artísticas do barroco. Pouco importa deteremo-nos nas razões que motivam essa transposição anacrónica, muito embora seja legítimo pensar que nela se insinua uma subliminar aspiração do artista em situar-se no horizonte das suas referências culturais através da mediação transfiguradora da literatura e da filosofia clássicas. Importa sim, mais que tudo, fixar a nossa atenção no efeito apelativo – tão real e quase tangível – da pose meditativa do filósofo grego. Completamente absorto numa espécie de demanda reflexiva, a mão direita repousa sobre o busto de Homero, como que abrindo o limiar mediacional de uma odisseia cuja travessia procura anular a distância entre a palavra mítica do aedo e a palavra *lógica* do filósofo. A mensagem pictórica aflora simples e directa: a filosofia não se inicia *ex nihilo*, mas enraíza-se no subsolo originário e radical da *linguagem po(i)ética*. Curioso é verificar que, apesar do vínculo táctil entre a mão do filósofo e a cabeça do poeta, o olhar do Estagirita não se direcciona focalmente para este – em bom rigor nem sequer parece olhar para ele; todavia, quem ousaria negar que nesse desencontro visual sobrevive ainda um *olhar-por-ele* que constitui paradoxalmente a forma mais fiel e genuína de *olhar-para-além-dele*, muito possivelmente para a crepuscular verdade do ser? Por outro lado, a mão esquerda, tranquilamente amparada na cintura, toca noutro artefacto, desta feita um cordão no qual pende um medalhão com a efígie do seu pupilo Alexandre Magno, por coincidência (ou talvez não...) fervoroso leitor da *Ilíada* de Homero. Nesta tríplice representação da inteligibilidade poética, da racionalidade filosófica e da discursividade política uma nova mediação se desvela: num plano histórico, a que envolve o aristotelismo no desígnio de entrelaçar dois classicismos, o helénico e o helenístico; num plano hermenêutico, a que investe a filosofia da tarefa de coadunar a responsabilidade poética pelo *discurso-em-acção* com a responsabilidade política pela *acção-do-discurso*. O cenário envolvente reflecte uma atmosfera quase intimista e acolhedora, é certo, mas também algo ambivalente na sua discreta ironia: quase imperceptíveis, por detrás de uma cortina, empilham-se uma série de volumes num espesso mutismo e anonimato, contrastando de imediato com a tranquila afabilidade de uma presença viva que nos parece cativar mais pelo charme de uma sabedoria vivida do que pela prosápia de uma erudição acumulada. Como, porventura, toda a Filosofia deveria ser...